



RT



**CARLOS NEPPEL**

**PERTURBAÇÕES  
INSANAS**

1ª edição

Cascavel, Paraná, Brasil  
Carlos Eduardo Neppel Pacheco  
2019

Copyright © Carlos Neppel  
bardo\_carlos@yahoo.com.br

*Capa*

Polako (Renato Pacheco)

*Prefácio*

Bokão (Raphael Lugo Sanches)

*Revisão*

Jak Silva (Jaqueline da Silva)

*Ilustrações*

Josué Kareca, Maria Carolina de Menezes da Anunciação, Lahís Schneckenberg,  
Daniel Salmi Valadão Borges, Luana Cristine Peruffo, Carlos Neppel, Jak Silva

*Diagramação*

Tony (Fernando Zago)

*Impressão e publicação*

CLUBE DOS AUTORES - [www.clubedosautores.com.br](http://www.clubedosautores.com.br)

Perturbações insanas | Carlos Neppel | 1ª edição | 2019

ISBN 978-65-900184-0-3

1. Literatura e Ficção. 2. Horror. I. Título

452 páginas

# AGRADECIMENTOS

Este livro é o resultado da união de obras e contribuições de vários artistas e amigos, desde a criação da história, passando pela sua transformação e incorporação até a sua materialidade, o papel. Sem uma boa diagramação, claro, ele também não seria o que é, assim como contou com inúmeras correções e reformulações do material.

Considero esta produção um prazeroso encontro de artes, que parte da literatura e chega às artes plásticas através de ilustrações dispostas desde a capa até o miolo da obra, representando interativamente eventos e personagens que cá existem. Intencionalmente uma união artística.

O próprio prefácio e a sinopse contam com a poética exclusiva de um artista urbano que transporta seus *Universos* para dentro deste Universo. É um encontro de criações que dançam e brincam juntas, confluindo para a existência desta obra que não teria a força que tem se composta por uma única pessoa.

Eu, Carlos Eduardo Neppel Pacheco, dedico este espaço ao agradecimento das pessoas que foram essenciais para que estas *Perturbações Insanas* pudessem ganhar vida e a realidade de uma publicação. Sozinho, eu não transportaria para estas histórias o corpo e o efeito que elas tem agora. A cooperação é um dos muitos sentidos que encon-

tro nessa vida tão permeada por competição.

Em essência, citando merecidamente os nomes dos colaboradores agradeço primeiramente aos ilustradores, que me deram o prazer de ter seus desenhos neste livro: *Josué “Kareca”*, que materializou efeitos grotescos e bizarros; *Maria Carolina de Menezes da Anunciação* e sua aquarela enzumbizada; *Daniel Salmi Valadão Borges*, do coletivo Casa dos Ventos (Dourados – MS) e sua interpretação sombria; *Luana Cristine Peruffo* e seu traço de horror geometricamente sutilizado; gratidão também à Lahís Schneckenberg pela sua interpretação sensual; além de *Renato Pacheco “Polako”*, que condensou as histórias em uma interpretação de capa e contra capa, exaltando o horror de um pesadelo vívido e ilustrando o teor que se propõe a obra. A todos os artistas sou grato e expesso o meu respeito e reconhecimento do valor artístico de suas criações.

Gostaria de expressar meu amor e minha gratidão a *Jaqueline da Silva*, por todo o carinho e atenção dedicados na correção e na construção de ideias para a obra, como a grafia da lápide da subcapa do “Dia do Cão”. Sem o dedo da *Jak* certamente esse livro não estaria tão bem escrito e apresentável (inclusive corrigindo esta parte). Gratidão imensa *praguentinha!*

Outro agradecimento especial vai para o diagramador, *Fernando Zago “Tony”*, pelo toque krotálico e pelas ideias maravilhosas que deram efeito e acabamento ao material,

e ao bônus das dicas e sugestões pessoais de um amigo.

Agradeço também à *Raphael Lugo Sanches “Bokão”*, um dos meus poetas preferidos na atualidade, que ao inserir sua poesia no prefácio da obra e ainda criar a sinopse da mesma, me deu um presente. Um trabalho que representou bem a maestria de quem brinca *qua’s palavras*, tecendo uma crítica própria dentro de uma obra “tensa” e “horrorosa” como esta.

Quero agradecer especialmente minha mãe, Tereza Cristina Neppel, que além de ser minha primeira fã, também foi quem proporcionou muitas das condições econômicas e emocionais para que o *Perturbações Insanas* ganhasse vida. Além de ter me permitido o contato com a literatura desde cedo e sempre ter incentivado minhas capacidades criativas.

Agradeço também a você, que pretende ler as histórias a seguir e partilhar um pouco do universo sombrio que existe na minha mente. Você, que se dispôs a esse contato íntimo que é quase uma telepatia entre o autor e o leitor. Espero que estas histórias sejam capazes de tocá-lo de alguma forma, e principalmente, que você se divirta muito enquanto corre os olhos e mergulha sua imaginação nestas *Perturbações Insanas*.



# ÍNDICE

Prefácio	13
<b>DIA DO CÃO</b>	<b>19</b>
Alvorecer	21
Manhã	47
Tarde	77
Anoitecer	113
Noite	147
Madrugada	167
<b>EM ALGUM LUGAR DE UM QUANDO ESQUECIDO</b>	<b>201</b>
Contatos	203
Estranheza efêmera	215
Memórias (ir)reais sonhadas em uma vida (im)possível	225
Novos laços	233
Famintos	251
Entendimento e aceitação	279

Contos de Mayka	285
Intrusos	309
Espaçonave	323
O último aniversário	333
<b>O POVO CRIANÇA</b>	<b>353</b>
A louca	355
O guardião	381
O sonho	403
As crianças	427





# PREFÁCIO

## A N D R A S

Os acontecimentos desastrosos na vida do coveiro Douglas. As afobações e as angústias de Kelly ao vislumbrar sua filha naquela condição lastimável. As aparições enigmáticas e reveladoras do símbolo-gafanhoto entrecruzando as histórias. O peso da cruz sobre Augusto, o vento, a sacristia e Victor, o virtuoso exorcista. O sempiterno olhar amarelecido de *And* e sua voz definitiva. A coruja. As curiosas ereções. Zeuno, sua asfixia pavorosa e a não aceitação da morte. O baralho aveludado. O anjo da guarda de Sullen. O orgasmo pleno e comprometedor de Jassy.

...

## M A Y K A

A junção do destino com o livre-arbítrio. Esse algum lugar de um quando esquecido - o antes e o depois do colapso! Mikhail Méus Kropotkin e Leng Mitsu da Silva. Sara Goldman, hum! cheiro de maconha rememorando Terra. Rayan Merifler, Cyril, Moara Allwish, Dimas, Frida, Érin Merifler, Javali, Pierre e Joseph. Odara, filha de Moara.

Scaxfax, famintos, canibalismo. Um tiro! O último aniversário. O último aniversário. Aquele gosto de realidade

consubstanciado em sonho. Sonho? Aquela culpa, aquela morte, Catarina. A gravidez de Nayla - o desespero de Leng. Sonho. A bandeira preta hasteada na antiga estação. Realidade. A frase pichada no teto da estação em tinta preta e vermelha *A LIBERDADE DO OUTRO ESTENDE A MINHA AO INFINITO*. A comuna. A outra face de *Mayka*. Saudade - coerência. A biblioteca de Méus; todos os volumes de *O Capital*. O capturador de momentos! Lembranças de casa. Armamentos bioquímicos e nucleares deixados na lua. Excertos de jornais noticiando a *Fome Pútrida* espalhando-se rapidamente. Um fungo! *Ophiocordyceps unilateralis humanus...* Aquele enquanto. Mais tiros! Invasores. A morte de Odara, de Sara e também de Rayan! Silêncio...

Tragadas no baseado. Inverno. O último dia de Méus. As lágrimas contidas por Frida. Aquela certeza estranha e indesejável. Sêmen. A vida depois do véu e da fome. O vacilo (ou o destino) de Leng. A fome, o pescoço, a carne do pescoço de Moara. A carne do pescoço! Aquela gravidez sussurrada ao ouvido; a pronúncia do *Eu te amo* pontuada com o último disparo.

...

C A S C A V E L

Cintia, a voz e *ele* sempre ao seu encalço, serpenteando pelas estradas. O Moacir, ah... lembranças do Moacir

percorrendo o corpo. Pulgas atrás da orelha, borboletas no estômago. Surreal! Mas e o Isaias? Difícil escolher! Até quando fica-se sem escolha. Difícil não ter escolha. Não escolher é uma escolha. O guardião e o final do caminho da cobra.

A lenda. O Povo Criança. Acreditar, um álibi necessário. O cão, a cobra cascavel. Farejar o medo. Chegar lá: não é assim tão simples. Eternamente jovens. Intocados pelo tempo. A vida do não-nascido. Outro sonho. A segunda chance de Cintia. Reverter o tempo do corpo também não é algo simples. As crianças. O mar de sangue. Sacrifícios necessários. A polícia. Os cadáveres. João. Tudo revelado em sonho. Ilusão? Cintia cuspiu no chão da via-tura e começou a chorar: *Maldito seja o Guardião! Maldito seja o Povo Criança! Maldito seja Moacir! Maldito seja Isaias! Maldito seja o meu não-nascido!*

...

## POR FIM

Certa vez, um poeta qualquer manifestou publicamente sua insatisfação em escrever prefácios e apresentações, seja para seus próprios escritos, seja para os escritos de outrem. Segundo ele, seu desgosto por tal prática residia no pedantismo intrínseco a ela, ou seja: em um prefácio busca-se sempre falar bem da obra, do autor e da relação entre a obra e o autor. Para ele, um prefaciador sempre intenta legitimar o

texto que posteriormente será lido. Daí considerar que a função-prefácio é inútil quando se tem um texto cujas linhas e entrelinhas podem falar por si mesmas.

Anos antes, em 1961, quando o filósofo francês Michael Foucault foi convidado a escrever um novo prefácio para a reedição da sua *História da Loucura na Idade Clássica*, escreveu o seguinte:

*“Gostaria que um livro, pelo menos da parte de quem o escreveu, nada fosse além das frases de que é feito; que ele não se desdobrasse nesse primeiro simulacro de si mesmo que é um prefácio, e que pretende oferecer sua lei a todos que, no futuro, venham a formar-se a partir dele.”*

Esse simulacro, essa tentativa de inculcar no leitor valores e premissas de como se deve ler e ainda atribuir ao autor uma soberania sobre o que foi escrito, é uma forma eficaz de ofuscar as portas da percepção de quem caminhará entre as palavras. Um prefácio pode ser o primeiro comprometimento da liberdade do leitor, uma pequena anúnciação de suas rédeas literárias. Daí a defesa do filósofo pela dissolução do autor e do conseqüente direito do anonimato no ato da escrita. Que importa quem fala? Que importa?

As histórias de terror constituem um gênero literário cujas raízes se perdem nas brumas do tempo, entremeadas entre contos de fadas, estórias populares, narrativas mito-

lógicas, alquimias e misticismos. O terror pode ser entendido como um estado de grande pavor e apreensão. No campo da produção literária, pode ser um estado de ânimo reverberado no leitor através da palavra, onde o escritor, produtor desse efeito, mesmo à distância proporciona o gozo do medo a quem lê. Há um prazer inerente ao medo: esse estado que obstrui, mas também impulsiona a ação.

Tendo como cenário a vida, o escritor de histórias de terror explora os mistérios da morte - essa indubitável certeza cuja face se oculta por debaixo do véu obscuro da *dúvida*. O cume dessas histórias situa-se nesse espaço poético que prefacia o desencarne ou, em alguns casos, o quase desencarne da personagem. É a morte, reflexo e plexo da vida. É a vida, diatribe e drible da morte.

Raphael Lugo Sanches



# DIA DO CÃO





## ALVORECER

*Olhei, e eis uma nuvem branca,  
e sentado sobre a nuvem um semelhante  
a filho do homem, tendo na cabeça uma  
coroa de ouro, e na mão uma foice afiada.*

*Outro anjo saiu do santuário, gritando em  
grande voz para aquele que se achava sobre  
a nuvem: Toma tua foice e ceifa,  
pois chegou a hora de ceifar,  
visto que a seara da terra já secou.*

*E aquele que estava sentado sobre a nuvem  
passou a sua foice sobre a terra  
e a terra foi ceifada.*

*Apocalipse de João 14, 14-16.*

Douglas fechou os olhos e sentiu a urina deixar seu corpo em um jato forte e contínuo que, aos poucos, foi enfraquecendo até se tornar apenas disparos descompensados. O mijo caía sobre uma lápide de pedra cinzenta, já tomada pelo musgo e escorria para a grama mal aparada, que lutava ferozmente com o mato. No fim, apenas algumas gotas pingavam de seu pênis mole e flácido. Soltou um gemido de alívio e sorriu bobamente, era o mais perto de um orgasmo que chegava nos dias de hoje. Fechou o zíper da velha calça jeans e contemplou a vista.

O horizonte clareava, misturando o céu com o mar, indicando que o sol em breve iria nascer e, por um instante, Douglas sentiu um peso enorme em suas costas, seus ombros se contraíram e tencionaram, sentiu dor e soltou um leve gemido, que soou como uma mescla de angústia, arrependimento e cansaço. Pedacos de sua vida apareceram em suas lembranças: a morte do único filho, a traição da mulher, o divórcio, a bebedeira, as ruas, as lágrimas, o desânimo e, por fim, o desespero.

Agachou-se e ficou de cócoras, colocando uma mão sobre os olhos e a outra nas costas, à altura do fígado, tentando conter o choro que subia pelo peito e a dor que se espalhava nas costas e pernas, como agulhas entrando na pele. Sentiu náusea e quase vomitou. Abriu os olhos e, lentamente, levantou-se respirando devagar. Voltou o olhar para o ambiente ao seu redor, observando o cemitério em sua completude. As lápides e o mar...

Há alguns anos que seus únicos companheiros eram os mortos e o mar, pôde ainda ver sua urina escorrer pela velha lápide de pedra cinzenta dedicada a Salazar Medius.

O vento soprou uma forte rajada que fez o mato dançar e as folhas secas das árvores se soltarem de seus galhos e levantarem voo. Seria bonito, se não fosse tão mórbido. O dia nascia sem pressa, contrariando as correntes de ar, que corriam ligeiras entre os túmulos e ataúdes.

Uma coruja piou de cima de um mausoléu, o velho coveiro fixou sua atenção na ave e sorriu. Era uma coruja

negra, que tinha os olhos bem amarelos, eles brilhavam como pequenas chamas. Linda. Andou a passos lerdos na direção dela, apertou o bolso frontal da camisa de flanela xadrez branco-azulado e fez saltar uma carteira de cigarros "Aura". Colocou um na boca e acendeu, tragou a fumaça com gosto tornando a fechar os olhos por um momento, mas sem parar de caminhar, soltou a fumaça e os abriu novamente. Estava de frente para o mausoléu, exatamente na frente da porta, a coruja se fora.

"Estranho, não ouvi o bater das asas", pensou, dando mais uma tragada profunda no cigarro. As cinzas aos poucos iam sendo levadas pelo vento forte. "Você é meu único companheiro", disse mentalmente para o cigarro, ao passo que o retirava da boca e posicionava-o bem em frente aos olhos. Observou-o atentamente por um momento. Fumava desde os treze anos de idade e já estava com sessenta e quatro, ainda não sentia falta de ar ou apresentava grandes problemas respiratórios, e seus resultados médicos indicavam uma saúde razoável. "O pulmão? Vai bem, obrigado.", repetia Douglas para si mesmo, afinal, a ressonância e os exames detalhados mostravam um órgão moderadamente preservado, ainda sadio.

Seu problema real estava no fígado. A cirrose começara cedo e quando tinha cinquenta anos o médico havia lhe dito que não poderia mais consumir álcool. Nem uma única gota, isso incluía a salada com vinagre e os bombons de licor. Era o único modo de estagnar a doença. Curar-se?

Jamais, essa chance havia passado dez anos antes. O diagnóstico trágico, a esperança de reconquistar a mulher, e o pouco amor próprio que ainda tinha fez com que parasse de beber. Fazia quatorze anos que estava limpo do tóxico lícito. Mas nunca retomara o casamento. Ela agora estava casada, com filhos e feliz. Um gosto amargo surgiu em sua boca...

Outra tragada, ainda sentindo o vento enquanto observava o mausoléu em toda sua elegante (porém estranha) decoração. Era uma construção com mais de quatro metros de altura, toda feita de tijolos de pedra cinzenta à vista. Era simples, porém imponente, chamava atenção e era discreta ao mesmo tempo, apresentava tanto um aspecto de beleza quanto remetia ao bizarro.

Havia apenas uma estátua, que representava um anjo sentado em cima de uma nuvem. Ele tinha uma trombeta na mão direita e uma foice na esquerda. Em seu rosto havia um sorriso apático, como se estivesse mentindo ou sendo cínico. Em sua cabeça havia uma coroa. A estátua era feita da mesma pedra cinzenta que os tijolos do mausoléu e devia ter cerca de um metro e meio de altura, estava fixada no telhado, exatamente acima da grossa porta de madeira imperial que fechava o mausoléu.

Outro detalhe chamou a atenção do coveiro Douglas: havia pequenas gravuras de gafanhotos desenhados em baixo relevo em vários dos tijolos que formavam a parede da construção, do chão ao teto. Era um detalhe pequeno,

mas muito bem desenhado.

Douglas nunca havia notado esse mausoléu, ou a estátua que estava sobre ele, o que era estranho, pois ele sempre andava por aqueles lados, conhecia o cemitério como a palma de sua mão, afinal já trabalhava nele há quatro anos. O túmulo de Salazar Medius era seu mictório preferido. Douglas o havia conhecido em vida, um maldito agiota que matara (ou mandara matar) uma dúzia de boas pessoas que não conseguiram quitar suas dívidas. Roger, um antigo amigo de Douglas havia sido uma dessas vítimas, ou era o que ele supunha, tendo em vista que o amigo desaparecera sem deixar rastro pouco tempo depois de fazer o empréstimo com Salazar e perder tudo em rodas de baralho e roletas ilegais.

Roger não era uma má pessoa, apenas não conseguiu vencer o seu vício. “E quem de nós consegue?”, perguntou Douglas para si mesmo em seus pensamentos, dando uma nova tragada no cigarro.

- E quem de nós consegue? – disse em voz alta, soltando a densa fumaça pelo nariz e observando com atenção a grossa e velha porta de madeira de lei que selava o mausoléu. Pequenos gafanhotos estavam desenhados nela também, mas eram muito pequenos e dessa vez, na madeira, estavam em alto relevo. Em uma primeira olhada, Douglas achou que eram os detalhes da porta, pequenos arabescos ou mosaicos, mas agora conseguia ver nitidamente os gafanhotos.



O vento assoviou e dançou em uma nova lufada que ao passar fez o corpo todo de Douglas arrepiar, o mal-estar e a náusea retornaram por um breve momento, junto com toda a dor e o peso das escolhas erradas que havia feito na vida, como uma saudade amarga com gosto de impotência. Até os pelos de seu pescoço estavam eriçados e seus olhos se encheram de lágrimas.

“O que está acontecendo comigo?”, indagou ele para si mesmo, tentando controlar-se para não chorar. Observou a claridade no horizonte e puxou o ar profundamente. Logo o sol iria nascer e um novo dia iria se iniciar. Não havia nada pelo que se desesperar, bem como nada pelo que esperar, a não ser talvez, pela morte. E esperar por ela ou não, não mudava o fato de que ela certamente chegaria, uma hora ou outra, fazendo escândalo ou se esgueirando furtivamente, isso era uma certeza.

Mas nessa manhã de sexta-feira a dona morte não parecia tão assustadora, apesar de Douglas senti-la muito perto. Outra súbita pontada aguda no fígado fez com que se curvasse novamente, ficando de cócoras e gemendo enquanto se contorcia. Era um alto grau de dor, fazia tempo que ela não dava as caras, tempo suficiente para ele quase se esquecer dela. Essa dor era a encarregada de fazê-lo lembrar-se de todas as garrafas de conhaque e vodca no correr dos calendários.

Respirou fundo novamente, torcendo para que a dor fosse embora, mas ele sabia que ela permaneceria por al-

gum tempo, afinal, sempre fora assim, desde que a cirrose se desenvolvesse. A dor surgia do nada e permanecia por alguns dias, ou às vezes ela ficava por semanas, meses, como um inquilino indesejado e incômodo.

Levantou-se e contemplou novamente o horizonte, o sol ainda não havia aparecido, o astro parecia estar com preguiça nessa manhã, ou era como se estivesse dando algum tempo extra para que a escuridão pudesse terminar seus negócios sobre a Terra. O mar estava muito azul, apesar de o sol ainda estar escondido. Ele já ouvia o som dos carros e a barulheira das pessoas além dos muros do cemitério. Um novo dia começava. E se Douglas estava certo, hoje era dia dezesseis de janeiro de 2015.

Florianópolis é uma cidade grande, a ilha da magia, como muitos a chamam. Douglas nunca encontrara a magia da ilha, se é que havia alguma. Pelo contrário, ele apelidara a cidade de “Filanópolis”, devido às numerosas e longas filas que se formavam no trânsito caótico da cidade, sobretudo no verão, na alta temporada de férias, onde a população da cidade parecia triplicar. Apesar disso e da falta de água em algumas regiões, Douglas gostava dali, gostava de ver o mar todos os dias, apesar de quase nunca ir à praia ou banhar-se nas águas do oceano.

Seus olhos novamente foram atraídos para a estátua do anjo sentado na nuvem. Era uma obra de arte feita na pedra, sem dúvida nenhuma, apenas um escultor habilidoso poderia expor tantos detalhes, ainda mais com tama-

nho realismo. O rosto do anjo beirava a perfeição, o sorriso maroto, de quem está escondendo alguma coisa ou de quem sabe um segredo muito importante estava maravilhosamente esculpido na pedra. Suas feições pareciam vivas e davam a Douglas a sensação de que a qualquer momento a estátua iria ganhar vida, bater as asas e voar, como uma gárgula em um filme de terror.

Por falar nisso, os detalhes das asas também eram notáveis, as penas haviam sido minuciosamente esculpidas e pareciam verdadeiras, como se pertencessem a um pássaro cinzento e não a uma estátua de pedra. O anjo tinha um aspecto meio sinistro, inocentemente malévolo.

Era estranho Douglas não se lembrar desse mausoléu, afinal, uma obra de arte desse calibre certamente teria chamado sua atenção. E, pensando agora, esse mausoléu não foi construído recentemente. Douglas chegou a essa conclusão não só pelo fato de que o musgo já estava alastrado por um terço da construção e nem pela única inscrição que podia ser vista entalhada logo abaixo da nuvem do anjo, apenas uma data: “1666”, que possivelmente remetia ao ano de construção do mausoléu. Mas, ele sabia, sobretudo porque era o encarregado de agendar e acompanhar as construções e demolições de edifícios de qualquer natureza no terreno do cemitério e, ali, nenhum mausoléu havia sido construído nos últimos três anos.

O fato de nunca ter reparado nele incomodou Douglas profundamente. Por fim terminou o cigarro, virou-se de

costas para a sinistra construção e atirou a bituca em uma das latas de lixo que se encontravam espalhadas por todo o cemitério. A bituca percorreu o ar em um giro perfeito, mas acabou acertando a boca da lata de lixo e caindo, ainda acesa, fora do cesto, sobre a grama mal aparada.

- Diabo! – gritou Douglas frustrado por errar a “cesta”.

- Olá! – disse uma voz às suas costas. E isso fez o sangue de Douglas gelar, afinal não tinha ouvido ninguém se aproximar, não captara o som de nenhum passo.

Quando Douglas se virou viu um homem negro, alto e muito magro, estava parado e logo os olhos escuros e cansados do coveiro foram atraídos para os olhos pulsantes, amarelos e misteriosos do recém-chegado. Um olhar profundamente incômodo. A angústia e o peso nas costas voltaram a aparecer, o fígado deu mais uma fígada e a mão de Douglas foi inconscientemente para a região da dor. Ele gemeu e sua boca ficou amarga, tão amarga quanto as lembranças que voltaram a ganhar foco em sua mente. O filho... A mulher... A traição...

Logo a troca de olhares foi quebrada e Douglas voltou ao momento presente. Viu que o sujeito passou a observar a pesada porta de madeira que lacrava o mausoléu, em seguida seu olhar foi dirigido para a estátua do anjo.

- Olá... – Douglas conseguiu dizer por fim, ainda esfregando a lateral do corpo, na altura do fígado. – Não vi o senhor se aproximando.

- Você estava concentrado olhando para esse mauso-

léu. É lindo não é? – indagou o curioso homem, que vestia uma camisa social preta, juntamente com uma calça do mesmo tom, minuciosamente alinhada com a camisa, que tinha botões vermelho sangue. O sujeito não trajava nenhum blazer por cima da camisa, mas vestia uma exuberante (e levemente cômica) cartola preta, sem detalhes. Sua gravata era de um amarelo bem vivo que combinava com seus olhos, que pareciam duas chamas ao amanhecer. Douglas podia jurar que havia algo na presença daquele homem, uma sensação inquietante.

Percebeu que seu coração estava disparado e que estava tendo uma ereção - e uma das potentes - seu pênis estava duro como não ficava em anos, mas Douglas não conseguia entender o motivo para aquilo, afinal, não estava excitado, na verdade estava um pouco amedrontado.

- Sim, lindo mesmo. – o coveiro ainda estava atônito e não conseguia parar de encarar o homem que havia acabado de chegar. Os lábios dele eram muito vermelhos e carnudos, contrastavam com sua pele, que era extremamente negra.

- O escultor é um artista e tanto, conseguiu transparecer muito bem o sentimento do anjo. O desdém infantil que sentem pelos outros seres. – comentou o recém-chegado.

- Sim... – concordou Douglas sem saber muito bem o que estava dizendo. Sentia-se confuso e hipnotizado.

- Como você se chama? – perguntou o homem engravatado, tornando a encarar o coveiro. Outro calafrio

percorreu o corpo de Douglas, devido a nova troca de olhares.

- Do... Douglas. Trabalho nesse cemitério. – respondeu, mas sua voz pareceu distante, como se estivesse longe de si mesmo e fosse apenas um espectador da cena toda. O sol ainda não se mostrava, como se estivesse atrasado, apesar da claridade já dominar o ambiente.

- Presumi que sim, poucas pessoas estariam a essa hora por aqui. – comentou o homem de olhos amarelos vibrantes.

- Verdade. E por falar nisso, quem é o senhor e o que está fazendo aqui? – perguntou Douglas colocando certo autoritarismo na voz, que soou sem firmeza. – O cemitério ainda está fechado.

- Por aqui eu sou chamado de Andras, mas agora também sou Abadom, peço perdão, mas eu não sabia, digo, o portão estava aberto e não havia ninguém para me avisar o horário de funcionamento. Supus que o cemitério já estava aberto para visitação. – respondeu o homem que certamente tinha mais de dois metros de altura. – Vim visitar o ataúde de minha família e tenho por hábito vir nesse horário, quando o mundo não despertou e o silêncio ainda festeja nas ruas.

- Aberto? – indagou Douglas, e por um momento sua expressão demonstrou perplexidade. Ele tinha certeza que havia fechado o portão no começo do seu turno, meia noite, mas também não havia passado mais pelo portão de

entrada durante a madrugada toda, não havia como ter certeza se tinha ou não fechado o cemitério. E afinal o sujeito não parecia um ladrão de túmulos ou algum gótico metido a satanista. O homem de olhar intrigante parecia estar dizendo a verdade. – Certo, me desculpe, é que você me pegou desprevenido. Não costumo encontrar pessoas no meu trabalho. Sempre pego os turnos da madrugada.

- Entendo. Você tem os mortos como companheiros faz muito tempo? – indagou o sujeito que dizia se chamar Andras.

- Tempo o suficiente para perder o medo e o encanto pela morte. – respondeu Douglas conseguindo desviar o olhar do homem, para encarar o mausoléu e a estátua do anjo com sorriso cínico. – Será que eles sentem mesmo desdém?

- Certamente. Desdenham a raça humana, não por maldade pura e simples, mas porque eles detêm poder. Muito mais poder que qualquer humano jamais possuirá. – comentou o sujeito – Humanos são como insetos para os anjos.

- Não sei não. Acho que eles nos invejam. Dizem que os anjos não têm sexo! E puta merda! Sexo é o paraíso na Terra. – disse o coveiro soltando uma risada. Sua mente voltou para sua juventude, onde havia dançado entre vários quadris. Um sorriso bobo se formou nos velhos lábios.

- Há! Bem pensado, mas ouvi dizer que existem alguns textos apócrifos que dissertam a respeito da sexualidade

dos anjos e muitos desses textos comentam que alguns deles, seguidores fiéis de Lúcifer, dominaram muitos humanos fazendo-os cair em tentação através do sexo. O que sugere que um anjo pode praticar sexo se desejar. Alguns desses textos ainda afirmam que eles teriam - se quisessem - os dois órgãos sexuais, tanto o masculino como o feminino. – comentou Andras, no tom de um teólogo convicto.

- Bom, eu não sei, nunca fui muito de estudar, não sei nada sobre anjos e mal li livros na minha vida toda, que dirá a Bíblia! – disse Douglas em tom de deboche. – E também nunca vi um anjo na minha frente, nem espíritos, assombrações, “vizagens” ou demônios. E olha que trabalho em cemitérios há mais de quinze anos.

- Claro, claro, estamos apenas confabulando, não é? O sobrenatural não existe. Penso da mesma maneira que o senhor, sou... O que se poderia dizer, um adepto do racionalismo. – disse Andras sorrindo.

- É... Eu também não acredito em muita coisa. Só em Deus, né. Dele não dá pra duvidar, afinal, quem teria feito tudo isso com tamanha perfeição? Hein? – indagou Douglas, dando de ombros e agora encarando o horizonte, o mar. Algumas gaiotas plainavam livremente ao longe.

- Você é religioso? – perguntou Andras, segurando a cartola contra o vento insistente.

- Não muito, quando era criança eu ia à igreja com meus pais, mas logo parei quando a adolescência chegou.

O trabalho e a cachaça tomaram o lugar de Deus. – respondeu Douglas. A dor estava muito intensa na região dos rins e do fígado, como se estivesse circulando nesses pontos.

- Entendo. Agora parece que estão te cobrando por isso. – disse Andras e sua voz soou irritante e arrogante. – Está na hora de pagar.

- Como é? – perguntou Douglas levemente exaltado. – Quem está me cobrando?

- Não sei dizer se é Deus ou se é a cachaça, mas não importa. O resultado será o mesmo.

Os olhos de Douglas agora foram arrastados para os do homem negro de cartola que estava na sua frente. A dor tornou-se ainda maior e mais aguda, ele não resistiu e caiu de joelhos, frente ao mausoléu. Esfregava freneticamente as costas e as laterais do tórax. Sentia os rins rangem dentro do corpo, como engrenagens mal engraxadas. O fígado parecia esticar-se, como uma sacola plástica de supermercado quando é carregada com muito peso, isso fazia as costas de Douglas se repuxarem em aguda dor. Lágrimas vieram aos seus olhos e caíram no rosto velho e cansado.

- Disse que perdeu o encanto e o medo da morte. Mas a verdade é que esse encanto e esse medo jamais desaparecerem. Tenha você as certezas ou as dúvidas que tiver. Existir não é seguro, pois a existência tem fim. – a voz do homem soava distante aos ouvidos de Douglas. A dor era

a única coisa que importava naquele momento. Sentia como se suas costas fossem se romper a qualquer momento.

- Meu Deus! – gritou Douglas caindo com o rosto no chão, sentiu a grama ainda úmida do orvalho salpicar sua face. Agora contemplava o mausoléu com a visão na lateral. Seus olhos fixaram-se nos gafanhotos e por um momento eles pareceram se mover e ganhar rostos humanos. A visão durou apenas um momento, mas foi assombrosa, logo a dor veio novamente e ele fechou os olhos. – Como dói!

Os berros de Douglas ecoavam em meio às lápides e ao silêncio do alvorecer.

- Deus não tem nada a ver com isso, meu caro. Ou, se tem, ele simplesmente não se importa mais. – disse Andras, posicionando-se exatamente na frente da porta do mausoléu. Estava sorrindo e seu riso se assemelhava imensamente com o sorriso petrificado da estátua do anjo sobre a nuvem. Sim, era desdém.

- Me ajude. Acho que estou tendo uma falência nos rins ou no fígado... – a voz de Douglas saiu em pequenos sussurros interrompidos e baixos. Esfregava freneticamente as costas na altura dos rins.

- Está sim. É a cirrose. Chegou a hora. – disse Andras.

Douglas sentiu todo seu corpo arrepiar e agora não conseguia parar de olhar para os olhos e para o sorriso daquele homem. Não entendeu porquê imediatamente, mas entrou em pânico e ficou em pé. A dor ainda latejava e

pulsava, agora, parecia que estava se alastrando para o intestino e para o estômago. Pontadas agudas o atingiam incessantemente. Começou a andar, mesmo com dificuldade, queria se afastar daquele homem e daquela estátua. De alguma forma sentia que sua condição, seu estado físico terrível estava relacionado ao recém-chegado. Afastou-se um pouco do mausoléu, com passos falseados e sem força, até que sentiu uma pontada muito forte no pênis.

Sem parar para pensar ele rapidamente abriu o zíper da calça, retirou o pênis (percebendo que ele ainda estava ereto) para fora e urinou. A dor intensificava-se ao passo que o líquido deixava seu corpo, era uma dor latejante e parecia que cedo ou tarde romperia o membro. Ao invés de urina, dessa vez o que escorria sobre o túmulo de Salazar Medius era sangue. Douglas ficou horrorizado ao ver aquilo. O fígado deu uma nova fígada, dessa vez a dor foi insuportável e ele tombou novamente de joelhos. Apoiou uma das mãos na lápide suja de sangue e olhou aterrorizado para o sujeito. Não sabia como, mas tinha certeza que era Andras que estava fazendo aquilo com ele.

O sujeito estava impassível, ainda se encontrava frente ao mausoléu, com o mesmo sorriso nos lábios. Os olhos amarelados tremulando, como o fogo. As memórias ruins de Douglas começaram a fluir e jorrar, como sangue de uma garganta recém-cortada. Cenas de momentos negativos invadiram seus pensamentos e por fim, sua visão, enquanto ele fazia sua última jornada para o mundo dos so-

nhos.

A primeira cena foi uma briga feia com a ex-mulher, estavam em casa, os dois vestiam preto e estavam de luto por conta de José, o filho do casal que havia morrido em um acidente de carro. Tinha nove anos de idade e era o elo entre os dois, o único motivo por qual o casal ainda compartilhava pedaços de suas vidas. Eles haviam acabado de retornar do enterro e estavam exaustos. Foi quando Brenda surtou e começou a jogar a culpa da morte de José em Douglas.

Afinal fora ele quem havia permitido que o menino fosse acampar com o tio e as primas no final de semana. A ideia era ir até a Guarda do Embaú, um município próximo, armar algumas barracas, pescar uns peixes e pegar umas ondas. Túlio era o irmão mais novo de Douglas e tinha duas filhas: Érica e Amanda. Eles haviam convidado José (Zézinho, como era chamado carinhosamente pela família) para ir divertir-se com eles.

Um bêbado qualquer avançou um sinal vermelho e acertou em cheio o carro de Túlio. Zézinho morreu na hora, Érica e Túlio foram hospitalizados com ferimentos graves e Amanda sofreu apenas algumas escoriações leves. Brenda havia sido absolutamente contra a viagem, desde o princípio, primeiro porque José estava indo mal na escola e devia ficar de castigo, fazendo seus trabalhos atrasados e, depois, porque estava com um mau pressentimento com relação àquela viagem para a Guarda do Embaú.

A explosão da mulher ocorreu quando entraram no quarto. Ali ela jogou toda a culpa e expressou todo o desprezo que sentia por Douglas. Disse que não o amava mais e que existiam momentos em que sentia nojo dele. Como ele permitiu que José fosse levado por um irresponsável como Túlio? Como ele deixava que a vida simplesmente acontecesse, sem tentar interferir? Como ele conseguia viver, sabendo que era um completo fracassado na vida? E assim por diante...

Aquela foi uma longa noite de discussões, e Douglas se viu pensando em algum momento da longa madrugada: “como é terrível discutir quando estamos tão impregnados pelo luto, pela perda e pela exaustão”. Ele sinceramente achou que aquela noite não teria fim. Os segundos pareciam se arrastar no relógio, como corredores já sem energias para continuar uma longa maratona. Os momentos insistiam em passar lentamente, como se estivessem degustando a tristeza e o sofrimento dele pacientemente.

A cena seguinte era uma tarde borrada de tédio e marasmo, em que Douglas chegou mais cedo do trabalho, ele era carregador de mudança naquela época e não teria que trabalhar naquela tarde, uma mudança havia sido cancelada. Quando chegou, encontrou sua casa em “ritmo de festa”. Uma música sertaneja estava tocando em volume alto e ao adentrar ele viu que havia duas taças de vinho vazias na mesa da sala. O resto se desenrolou muito rápido. Ele correu para o quarto e escancarou a porta, para

contemplar sua mulher fazendo sexo oral em um homem muito mais atraente e jovem do que ele. O desgosto e a raiva o dominaram. Em seguida vieram mais discussões desgastantes, até que chegaram às agressões verbais e físicas e por fim, ao divórcio. E assim ele conheceu o desespero.

Esses sentimentos tomaram conta do seu ser: amargura, tristeza, descrença, desânimo e tormento. Douglas se consumia na escuridão, sentindo tudo isso misturado e muito intensamente. Era esse o sabor de sua vida, no final, quando ele havia acrescentado todos os temperos à ela: *amargo*.

Ele queria viver, queria ter mais tempo para tirar a amargura de sua vida. Ele pensava sem parar que a cada dia que passamos, nós podemos expelir gotas doces de bondade e de felicidade, ele agora chegava a essa conclusão: as suas eram gotas de uma amarga maldade, apatia ou tristeza. Ele queria mais uma chance... Queria expelir mais gotas de alegria. Queria adoçar sua existência.

Seus olhos se abriram e ele conseguiu ver a lápide de Salazar em sua frente, sentiu sua calça úmida na região do pênis e uma forte dor aguda no mesmo local. Seus olhos puderam contemplar o sol, que finalmente apareceu, trazendo um novo começo. Uma ânsia de vômito muito forte se abateu sobre ele e Douglas começou a gorgar e vomitar. Primeiro foi o café da manhã que havia comido às cinco horas em ponto: pão com presunto, queijo e cenoura, de-

pois, quando não havia mais nada no estômago, veio a bÍlis, amargando toda a sua boca.

Uma silhueta apareceu encobrendo parcialmente o sol. Douglas deduziu quem era pelo tamanho. O homem certamente tinha mais de dois metros de altura. Andras parou na sua frente, estava com a cartola nas mãos e agora o sol parecia formar uma coroa ao redor de sua cabeça. Nos lábios carregava o sorriso de desdém do anjo e seus olhos ainda ardiam como brasa. O coveiro olhou para si mesmo e viu que estava encharcado de sangue e sujo de vômito, suas calças estavam ensopadas e empapadas do líquido vermelho, o ar tinha cheiro de sangue, mas o azedume do suco gástrico e da bÍlis faziam com que o odor parecesse outra coisa. Outra pontada em seu pênis e em suas costas. Mais sequências de refluxos e vômitos.

Por fim Douglas soube: *não havia o que fazer.*

- O que você fez comigo? – suplicou Douglas por uma resposta. Sua voz era pouco mais que um sussurro.

- Eu não fiz nada. Isso foi você que fez a si mesmo. Eu estou aqui apenas para te acompanhar. Vamos, entregue-se aos seus tormentos. Você mesmo já percebeu, não há nada mais o que fazer. – a voz de Andras ecoou naquela manhã. O vento dançou mais uma vez pelo cemitério esvoaçando as folhas secas das árvores.

A dor era muito aguda e Douglas já havia perdido a voz de tanto gritar. Sentia o gosto metálico do sangue em sua garganta machucada. Seus olhos só mostravam deses-

pero. Seu pênis não parava de verter sangue, que já escorria até os pés, aos poucos sentia a meia umedecer, ao passo que ela se avermelhava. Ele colocou as mãos entre os cabelos ralos e grisalhos e arrancou dois tufos em meio ao horror que sentia.

Aquilo sim parecia que nunca iria acabar, Douglas sentia que o tempo tinha parado e sua dor jamais seria amenizada. E junto com o sangue e o vômito, suas piores memórias também esvoaçavam com as folhas secas na dança do vento, eram lançadas para fora, das profundezas de sua mente. Ele estava se esvaindo e sendo consumido pela tristeza, pelo arrependimento e pelo desespero. Aquela longa discussão com Brenda após o velório de José agora parecia ter durado apenas alguns momentos, se comparado com o que estava vivendo nessa manhã.

Nunca iria terminar, a dor era muito profunda e aguda. As ânsias de vômito eram doloridas e amargavam a boca. O arrependimento e a angústia eram pesados demais. Ele iria enlouquecer antes de morrer. *Sentia isso, sabia disso.*

- Quer que a dor e as memórias parem? – indagou Andras, ainda vestido com sua coroa de sol, a cartola estava nas mãos.

- Sim! Por favor! – suplicava Douglas.

Mais cinco minutos se passaram que para o cozeiro pareceu uma eternidade. Limpava a boca com as costas da mão, para limpar a bÍlis que lhe pingava do queixo. O vô-

mito se misturava com o sangue e Douglas não sentia mais as pernas. Agora eram apenas pedaços de carne onde no lugar de veias haviam arames-farpados, que o rasgavam por dentro, lenta e penosamente.

Juntamente com as dores e debilidades físicas estavam os pensamentos e memórias. Era como se nesse momento Douglas só conseguisse trazer à tona as coisas ruins de seu passado. Como se agora, no fim, apenas a tristeza e o peso tivessem lugar para existir. As alegrias e a leveza o estavam abandonando, assim como a vida...

Mais sangue, mais vômitos, mais dor, mais arrependimento, mais amargura, mais tristeza...

- Por favor! Faça isso parar! – gritava Douglas com suas últimas forças.

- Eu posso fazer isso. – respondeu Andras. – Mas existe uma condição.

Douglas começou a vomitar sangue. Pelo jeito uma hemorragia interna havia começado. A lápide de Salazar agora estava parcialmente manchada de vermelho. O sangue escorria pela pedra e misturava-se com o orvalho na grama alta.

- Eu faço qualquer coisa! Por favor! – tentou gritar o moribundo novamente, mas sua voz engasgou e apenas um som arranhado e extremamente rouco foi ouvido. O queixo de Douglas agora estava coberto de sangue.

- Quero o que restar de você depois da sua morte. – comentou o homem negro de sorriso desdenhoso.

Novos vômitos. Mais pontadas e memórias amargas.

- Eu aceito! Mas acabe logo com isso! – Douglas havia desistido de viver, queria apenas que seu fim fosse rápido. Seus olhos mostravam apenas horror.

- Eu não estou falando do corpo. – disse Andras.

- O que? Quer o que então? – questionou Douglas esfregando o rosto. Estava desesperado. – Minha alma?

- Não importa o nome. O importante é que você será meu depois da morte. Aceita? – perguntou o homem de lábios carnudos.

- Que seja! Mas acabe logo com isso. – falou o cozeiro sentindo sangue sair de seus ouvidos e de seu ânus.

- Pois bem. Está feito. Descanse em paz e venha quando eu lhe chamar. Douglas, filho de Jussara.

“Como ele sabe o nome da minha mãe?”, Douglas ainda perguntou a si mesmo antes de sentir mais uma agulhada no pênis. Dessa vez ele berrou e o som saiu, mesmo a contragosto, de sua garganta machucada.

A última coisa que os olhos do cozeiro contemplaram foi a estátua do anjo sobre a nuvem, com a foice na mão. Percebeu que o sujeito caminhou até ele e inclinou-se, Douglas sentiu um beijo em sua testa, que amargou ainda mais e, pela última vez, sua boca. O beijo da morte. Ao longe as gaiotas ainda sobrevoavam o mar em uma dança descomprometida com o vento.

